

3

Novos usos de drogas: um estudo qualitativo a partir das trajetórias de vida

LILIANA TRIGUEIROS, MARIA CARMO CARVALHO

Artigo recebido em 22/07/10; versão final aceita em 18/10/10.

RESUMO

O presente estudo visa contribuir para a caracterização dos jovens utilizadores de substâncias psicoativas (SPAs), num contexto de grande transformação do fenómeno de uso de drogas no nosso país e no plano internacional. Apresentam-se os dados de uma pesquisa exploratória que pretende contribuir para a caracterização dos jovens consumidores, apontando algumas regularidades nas suas trajetórias de vida, através de uma metodologia biográfica com entrevistas em profundidade a uma amostra de 22 jovens, reunida por amostragem em cadeia (*snowball*). Dois grupos evidenciaram-se, pelo seu distanciamento vs. proximidade em relação a padrões de uso problemático, designados aqui por *trajetórias ex-problemáticas nos velhos consumidores e não-problemáticas nos novos consumidores*. Os resultados demonstraram ainda que estes jovens têm uma grande estruturação familiar e estão bem inseridos na sua comunidade. Destacamos a ausência de linearidade na relação entre presença de comportamentos transgressivos e consumo de SPAs, assim como uma forte associação deste último aos contextos recreativos e ao grupo de pares.

Palavras-chave: Novos Usos de Drogas; Trajetórias de Vida; Jovens Consumidores de SPAs.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à contribuer à la caractérisation des jeunes usagers de substances psychoactives (SPA's) dans un contexte de grande transformation du phénomène de la consommation de drogues dans notre pays et à l'étranger. Nous présentons des données à partir d'une recherche exploratoire qui vise à contribuer à la caractérisation des jeunes consommateurs, en soulignant certaines régularités dans leurs trajectoires de vie, utilisant une approche biographique avec des interviews en profondeur avec un échantillon de 22 jeunes, obtenus avec un processus en chaîne (boule de neige). Deux groupes se sont distingués par leur distance vs. proximité des modèles d'utilisation problématique, désignée ici comme anciennes trajectoires problématiques pour les consommateurs plus âgés et non problématiques chez les nouveaux clients. Les résultats ont également démontré que ces jeunes ont une bonne structure familiale et sont bien intégrés dans leur communauté. Nous mettons en évidence l'absence de linéarité dans la relation entre la présence de comportements de transgression et la consommation de SPA's, ainsi que d'une forte association de ce dernier aux activités de loisirs et aux groupes (pairs).

Mots-clé: Nouvelles Utilisations des Drogues; Trajectoires de Vie; Jeunes Consommateurs de SPA's.

ABSTRACT

This study aims to contribute to the characterization of young users of psychoactive substances (PS) in a context of a great transformation in the phenomenon of drug use, both in our country and internationally. We present data from an exploratory research that aims to contribute to the characterization of young consumers, pointing out some regularities in their life trajectories, using a biographical approach with in-depth interviews with a sample of 22 young people, gathered with a chain sampling (*snowball*). Two groups were distinguished by their distance vs. proximity to problematic drug use patterns, designated here by former problematic trajectories in older consumers and non-problematic in new customers. The results also demonstrated that these kids have a good family structure and are integrated in their community. We highlight the lack of linearity in the relationship between the presence of transgressor behavior and consumption of PS as well as a strong association of the latter to recreational and peer group.

Key Words: New Uses of Drugs; Life Trajectories; Young Consumers of SP's.

RESUMEN

El presente estudio intenta contribuir a la caracterización de los jóvenes usuarios de sustancias psicoactivas (SPAs), en un contexto de gran transformación del fenómeno de uso de drogas en nuestro país y en el plan internacional. Se presentan los datos de una pesquisa exploratoria que pretende contribuir a la caracterización de los jóvenes consumidores, apuntando algunas regularidades en sus trayectorias de vida, a través de una metodología biográfica con entrevistas en profundidad a una muestra de 22 jóvenes, asociada por muestreo en cadena (*snowball*). Dos grupos se evidenciaron por su alejamiento vs. proximidad con relación a patrones de uso problemático aquí designados como trayectorias ex-problemáticas en los viejos consumidores y non-problemáticas en los nuevos consumidores. Los resultados demostraron también que estos jóvenes tienen una gran estructuración familiar y están bien inseridos en su comunidad.

Destacamos la ausencia de linealidad en la relación entre presencia de comportamientos transgresivos y consumo de SPAs, así como una fuerte asociación de este último con los contextos recreativos y al grupo de pares.

Palabras Clave: Nuevos Usos de Drogas; Trayectorias de Vida; Jóvenes Consumidores de SPA's.

1 – INTRODUÇÃO

Existem, na actualidade, diversos indicadores que nos remetem para uma transformação nas principais tendências de uso de drogas em geral, e entre a população juvenil em particular. Se durante os anos oitenta e noventa assistimos a um cenário centrado quase em exclusivo na figura do *junkie* e nos consumos de heroína de rua, a partir de meados da década de noventa os dados epidemiológicos começam a dar visibilidade à diversificação dos padrões de uso que podemos entender como um reforço da clássica associação entre *juventude – culturas juvenis – alteração da consciência*. Assim, e ainda que o consumo de heroína e todos os problemas que lhe estão classicamente associados do ponto de vista social e sanitário persistam na actualidade, temos já reunida evidência no panorama nacional e internacional de que há mudanças visíveis nos padrões de usos de drogas, seja ao nível das substâncias de eleição, seja nos modos de relação com o consumo ou nos contextos que lhe estão associados (IDT, 2007; Balsa, Vital, Urbano & Pascoeiro, 2008; Carvalho, 2007).

No nosso país, em que a recolha de diversos indicadores epidemiológicos assume já um carácter regular, estas mudanças não sendo conhecidas com algum detalhe. Sabemos, assim, que o *cannabis* é a substância mais consumida em geral, sendo também a droga de eleição entre as faixas etárias mais jovens; as drogas de síntese e os alucinogénios apresentam uma tendência de subida; e, paralelamente, assistimos ao afastamento da heroína das posições cimeiras e das altas taxas de prevalência de consumo que atingiu no passado (IDT, 2007; Balsa *et al.*, 2008; OEDT, 2008; Matos, Simões, Silva, Gaspar & Diniz, 2006). Estes dados são consonantes com um outro que nos mostra que não obstante o aumento geral do consumo ser uma evidência num padrão de poliuso de diferentes substâncias (Balsa *et al.*, 2008; IDT, 2008), já o *consumo problemático*¹ de drogas apresenta tendência decrescente no nosso país (Negreiros & Magalhães, 2009).

Estas evidências levam-nos a colocar a hipótese de que os perfis dos actores também estejam a alterar-se no sentido dessa diversificação, embora seja ainda relativamente escassa a investigação sobre essas

mudanças que descreva perfis e trajectórias no actual contexto epidemiológico. Ainda que o interesse no estudo de trajectórias desviantes tenha várias aplicações úteis à investigação sobre drogas, estes contributos têm sido, entre nós, desenvolvidos ainda com o intuito quase exclusivo de caracterizar a etapa do fenómeno marcada pelo consumo problemático de heroína.

O conhecimento sobre a evolução das trajectórias de uso de drogas foi, durante décadas, influenciado pelo trabalho pioneiro de D. Kandel (1980). Este trabalho, largamente responsável pela popularização do conceito de *escalada*, demonstrava a partir do estudo da evolução do consumo numa amostra de adolescentes, como este se estruturaria desde o *não-uso*, até à experimentação de bebidas alcoólicas não destiladas (vinho, cerveja), consumo de tabaco e bebidas alcoólicas destiladas, experimentação de *marijuana* e, finalmente, consumo de outras drogas. Esta progressão linear na desestruturação do uso, durante muito tempo validada pela opção de investigação de amostras clínicas com desfecho conhecido de toxicodependência, tem vindo a ser largamente contestada por várias outras pesquisas. Estes outros contributos, que têm em comum a aposta em desenhos que valorizam a dimensão processual e metodologias de recorte biográfico, permitiram pôr em perspectiva esta leitura da evolução no consumo, chamando a atenção para uma diversidade de percursos e perfis de actores do uso. É o caso, por exemplo, da pesquisa de Faupel (1991) com um conhecido contributo para este domínio, em que propõe uma estruturação da carreira de uso de drogas em quatro tipologias (*consumidor ocasional, adicto estável, adicto extremo e "junkie" de rua*), fundamentais para esclarecer como nem todos os consumidores de drogas passam por uma escalada linear de desestruturação da trajectória; pelo contrário, o tipo de consumo e sua evolução seriam condicionados por dimensões relativas à *acessibilidade e disponibilidade das substâncias*, e por dimensões relativas à *estruturação do quotidiano* que não são mais do que os habituais constrangimentos de vida de qualquer sujeito (estabilidade familiar, inserção na comunidade, existência de rotinas normativas, etc.).

Outra referência fundamental é o trabalho de P.

Biernacki (1990) sobre a recuperação espontânea da toxicodpendência, estudo a partir do qual se trouxe evidência empírica à existência de trajetórias de indivíduos bem sucedidos em pôr fim, de forma autónoma, a longas carreiras de relação problemática e dependente com o consumo de heroína. O estudo demonstrou como o percurso de abandono do uso é marcado por uma *tomada de decisão não necessariamente intencional* e relacionada sobretudo com episódios de crise; esta dá lugar aos processos de *tornar-se abstinente* não obstante a ausência de contacto com modelos ou contextos de não-uso; de *criação de alternativas* ao consumo em contextos de maior ou menor afastamento em relação ao mundo das drogas; encontrar estratégias para *lidar com o craving* aproveitando anteriores experiências de uso e abstinência; e reconstituindo a identidade pessoal no sentido de *tornar-se comum* (mais fácil quanto mais alternativas existam ao mundo das drogas).

Não é apenas o consumo de heroína, visto classicamente como de maior potencial adictivo, que tem reunido o interesse da investigação sobre trajetórias desviantes na área das drogas. Cohen & Sas (1993) desenvolvem um estudo de *follow-up* a uma amostra de cocainómanos holandeses. Após um período de dez anos desde a avaliação inicial, os autores concluem que para uma clara maioria de sujeitos se havia registado uma evidente diminuição do uso ou a abstinência total. Destes, apenas uma pequena minoria havia recorrido ou considerado recorrer a ajuda formal para o efeito; e entre os sujeitos que mantinham o consumo de cocaína na altura do *follow-up*, era evidente que se havia operado uma diminuição nas quantidades e frequência dos consumos.

Entre nós são vários os contributos relevantes. Têm particular destaque os estudos de trajetórias desviantes realizados por Agra & Matos (1996) destinados a clarificar a natureza da relação droga-crime numa amostra de indivíduos em meio prisional que apresentavam simultaneamente toxicodpendência e comportamento anti-social. Esta investigação permitiu pôr em evidência que, ao contrário de linear e causal, a associação entre droga e crime tem várias configurações possíveis como ficou espelhado nas trajetórias

de relação droga-crime identificadas nesta investigação biográfica – *toxicodpendente-delinquente, delinquente-toxicodpendente* e *especialista da droga-crime*. Tinoco (2005) identificou, a partir de histórias de vida de heroinómanos, vários marcos temporais e emocionais na evolução da trajetória de consumo de drogas. Destaca-se o início marcado por uma vincada *desresponsabilização*; seguido de uma gestão da carreira de consumo caracterizada pela identificação com uma *ideologia subcultural*; por *sentimentos de injustiça* resultantes da pertença a grupos socialmente excluídos; pela rejeição de dispositivos formais; e por *sentimentos de deriva* caracterizados por *desenquadramento de ritmos normativos* e *anomia individual*. Neste percurso, os momentos de abstinência assim como os de recaída são perspectivados como estando fora do controlo do sujeito e, portanto, fruto do acaso.

Já no contexto da evolução anunciada pelas tendências recentes em epidemiologia das drogas, e mais próximo dos padrões de uso actuais, podem registar-se alguns exemplos de investigação sobre trajetórias e carreiras de uso. Uitermark & Cohen (2005) partem de uma amostra de N=109 indivíduos com consumo recente e frequente de anfetaminas, recolhendo dados sobre a evolução longitudinal do seu padrão de uso. Concluíram que uma grande maioria dos participantes reduzia ou interrompia definitivamente o uso de anfetaminas após um espaço de tempo relativamente curto. A pesquisa pôs também em evidência o recurso a mecanismos de auto-regulação mesmo entre aqueles que reportavam sentir ter estado, a dado momento, próximo da *perda de controlo*.

Peters & Schaalma (2008) realizaram entrevistas em contextos recreativos a uma amostra de N=32 frequentadores desses eventos, convidados posteriormente para entrevistas individuais e colectivas com a finalidade de estudar processos de interrupção do consumo de *ecstasy* e a implementação espontânea de estratégias de redução dos riscos associados ao consumo. Concluíram que o uso de *ecstasy* é fortemente motivado pela curiosidade que os efeitos da substância desperta e que a cessação do uso surge de forma *automática*. Esta cessação é, de acordo com os dados, largamente determi-

nada por variáveis ambientais que motivam a perda do interesse inicial (circunstâncias de vida que encerram mudança como um novo emprego ou relação), mais do que por uma preocupação com a saúde.

Um contributo para a compreensão da evolução dos padrões de uso entre jovens chega-nos também a partir dos trabalhos pioneiros de Parker, Aldridge & Measham (1998). Através de estudos longitudinais desenvolvidos junto de uma larga amostra de jovens britânicos em idade escolar, os autores têm vindo a desenvolver, na tentativa de compreender esta evolução, uma explicação assente no conceito de *normalização dos usos de drogas*, uma tese capaz de explicar a forma como o uso parece ter saído, definitivamente, da esfera dos comportamentos específicos de certas subculturas (marginais ou não), para serem assimilados aos modos de estar das culturas juvenis ditas *mainstream*. Assim, e segundo os autores citados, a *normalização* explicaria não só o crescimento objectivo dos consumos, como também fenómenos paralelos como (i) o aumento da disponibilidade e acessibilidade às diversas SPAs; (ii) o aumento da experimentação entre os jovens em idade escolar e um abandono espontâneo ou diminuição dos usos em intensidade e frequência, a partir da entrada na idade adulta (25-30 anos); (iii) atitudes favoráveis às drogas e um "saber"/conhecimento relativo às SPAs e seus usos, que pode ser encontrado mesmo junto daqueles que se abstêm; (iv) abertura à experimentação de SPAs, no futuro, que cresce com a idade, sobretudo entre aqueles que não experimentaram durante a adolescência; e (v) uma aparente acomodação do uso de drogas (no passado, representado como um *ilícito*), a vários níveis da vida social e cultural, muito visível a partir da esfera mediática (Parker, Aldridge & Measham, 1998; Parker, 2005). A partir de um estudo longitudinal conduzido com uma amostra de 24 jovens com 16 anos por ocasião da última entrevista, os autores verificaram que num espaço de 9 meses a maioria dos jovens havia introduzido significativas alterações ao seu comportamento de uso de drogas que se traduzia ora na redução do uso, ora na modificação da substância de eleição ora ainda na diversificação do leque de substâncias consumidas; e entre o conjunto de jovens

que se abstinha de usar drogas, as mudanças eram no sentido do reconhecimento e acomodação do uso de drogas pelos seus pares utilizadores (quando antes o haviam classificado de "delicado"), e o colocar em aberto a possibilidade de usar no futuro em situações sociais específicas (como uma discoteca, por exemplo). (Measham, Parker e Aldridge, 1998 consultado em www.ncjrs.gov).

Esta revisão, ainda que não exaustiva, permite pôr em evidência algumas das dimensões em redor das quais se tem procurado a compreensão da evolução nos percursos de uso de substâncias. Enquanto no passado os estudos de trajetórias se dedicaram a perceber quais as modalidades da relação do uso com a progressão na toxicod dependência, e que alternativas se levantavam a esta leitura mais linear dessa progressão, na actualidade parece ser já mais consensual a diversidade possível das trajetórias e o reconhecimento de que a população juvenil, não obstante o facto de apresentar actualmente as mais elevadas taxas de utilização de SPAs de que há registo, não evolui nessa relação com as drogas da mesma forma a que assistimos no passado.

No entanto, várias questões se levantam que necessitam ainda de evidência empírica. Estas dizem respeito, entre outras, à importância de conhecermos melhor a fase avançada da adolescência e entrada na idade adulta e a forma como os consumos se estruturam nesta etapa, já depois de ultrapassado o esperado pico de utilização na adolescência. Não pode, igualmente, ser desprezada a importância de conhecermos os percursos em que o poliuso de SPAs em contextos recreativos trouxe resultados claramente negativos ou até mesmo derrapagem para uso problemático, tendência que alguns autores apontam como estando em crescimento (Parker, 2005). Efectivamente, o problema da dependência das drogas é um fenómeno que, ainda que de dimensão inferior à que atingiu no passado e com tendência decrescente, continua a justificar preocupação social e de saúde pública, constituindo apenas um dos múltiplos riscos em que se envolvem os jovens na sua busca (normativa) pela fruição.

Estas questões resumem parte da discussão sobre o

fenómeno droga na actualidade, no plano internacional. Mas no nosso país, e atendendo à escassez ou total ausência de investigação que procure estas respostas junto de classes juvenis e jovens adultas oriundas de sectores sociais normativos, a sua pertinência é acrescida. Atendendo a que entre nós a evolução dos padrões de uso é ainda recente, o presente estudo pretende contribuir para o debate no domínio, estudando as trajectórias de vida de um grupo de jovens adultos utilizadores de SPAs, com a finalidade de perceber se estamos ou não perante alterações ao perfil típico do actor dos usos de drogas. Deste modo, foram objectivos da pesquisa caracterizar junto deste grupo de participantes, padrões de uso actuais e passados, obter perfis sociodemográficos e caracterizar o seu tipo de integração social, familiar e comunitária. Interessou-nos, ainda, compreender através desta primeira abordagem exploratória, qual a relação que apresentam os seus percursos de vida com a toxicodpendência, o consumo problemático de drogas e a transgressão, por serem estas as dimensões junto das quais será esperado maior contraste relativamente aos dados disponíveis no nosso país relativos a trajectórias de uso de drogas.

2 – MÉTODO

2.1 – Participantes

O estudo foi realizado junto de uma amostra de N=22 participantes de ambos os sexos, naturais de várias cidades do norte do país, recrutados através de amostragem em cadeia (*snowball sampling*). Relativamente ao género, n=15 eram jovens rapazes e n=7 eram jovens raparigas. As idades dos indivíduos da amostra estão compreendidas entre os 20 e os 34 anos, sendo que a maioria dos participantes se situava na faixa etária entre os 20 e os 24 anos (n=13).

Os critérios para inclusão na amostra foram a idade (não inferior a 20 anos) e a existência de experiência de uso de qualquer tipo de SPA. Qualquer padrão de uso, actual ou passado, era admissível com excepção dos indivíduos que reportassem ter tido apenas um consumo de uma única substância, por se acreditar que perde sentido a recolha de relatos de experiências de uso de SPAs junto

de indivíduos que não integraram de forma efectiva tal experiência na sua trajectória de vida².

Relativamente à sua formação académica, a maioria dos sujeitos eram estudantes do ensino superior ou já tinham terminado a sua licenciatura (n=16). Os restantes indivíduos frequentava ou já tinha frequentado cursos profissionais (n=3), terminado a sua formação no 9º ano (n=2) ou no 12º ano (n=1). Relativamente à sua situação familiar, apenas um pequeno grupo de entrevistados (n=3) referiu viver sozinho. Nos restantes, o grau de autonomia em relação à família de origem é limitado, encontrando-se os jovens a viver com os pais (n=13), ou com outros pares mas regressando à casa da família ao fim de semana (n=6).

Relativamente aos padrões de uso de drogas verificou-se genericamente que a idade de início do uso de SPAs foi sempre inferior aos 16 anos, e que a droga desse início foi o *cannabis* (n=21). A trajectória de uso desenvolveu-se, posteriormente, no sentido da diversificação dos usos num padrão de policonsumo, sendo que apenas n=4 participantes referiram ter tido, em algum momento da sua trajectória, um padrão de uso problemático que passou pelo consumo de heroína. Apenas num deles se verificou, porém, o recurso a dispositivos de ajuda formal para a toxicodpendência; e nenhum destes jovens apresenta, actualmente, o que percepcione ser um problema relacionado com o consumo de drogas. Com a progressão da análise dos dados foi-se tornando clara a existência de dois perfis distintos de jovens utilizadores (que designamos por *velhos* vs. *novos* utilizadores) fruto da proximidade vs. distância das trajectórias de uso relativamente à toxicodpendência. Esses perfis serão descritos com maior detalhe na secção dedicada à apresentação e discussão dos resultados do estudo.

2.2 – Instrumentos

Foi conduzida uma entrevista semi-estruturada através de um guião construído para o efeito, que partiu da adaptação de diversos instrumentos desenvolvidos para a investigação de trajectórias de vida em geral (McAdams, 2000) e para a investigação de trajectórias e significados específicos de fenómenos da desviância

em particular (Fernandes e Carvalho, 2003; Matos, 2008). Desse trabalho resultou um novo instrumento que designámos por *Guião de História de Vida e Usos de Drogas* e que integrava uma secção de caracterização sociodemográfica dos participantes – (i) *ficha do actor*; uma secção relativa à (ii) *história de vida* do sujeito; e uma secção sobre (iii) *usos de drogas*. A secção *ficha do actor* incluía recolha de informação sobre idade, sexo, local de residência, ocupação de tempos livres e contextos dessas actividades de lazer, situação laboral e habilitações literárias, caracterização da família de origem e descrição da situação familiar actual. A secção *história de vida do sujeito* incluía a recolha de narrativas sobre cenas significativas, assim como relatos sobre *desafios*, *personagens*, *ideologia pessoal*, entre outros elementos centrais para a descrição da trajectória. Finalmente, a secção *usos de drogas* incluía recolha de informação sobre *padrões de utilização* de SPAs (idade de início, prevalência e padrão de uso, tecnologia(s) de ingestão, condições do consumo, gestão e problemas associados) e *cenas de uso* (*cena de droga*; *cenas de substâncias*; *cena de tomada de decisão*; *último episódio de uso*). A informação relativa ao padrão de utilização era recolhida relativamente a todas as SPAs que os participantes reportavam ter experimentado em alguma altura da sua vida, de forma continuada ou pontual. Para fornecer relatos de cenas de uso de SPAs, o participante era livre de se referir à(s) substância(s) que entendesse mais significativa(s) para o efeito.

Já na fase de análise, e com vista à facilitação do processo de organização da informação biográfica, os dados das entrevistas foram transferidos e organizados num outro instrumento – o *biograma* (Agra e Matos, 1996; Tinoco & Pinto, 2003) – com a finalidade de facilitar a operacionalização de eventuais regularidades que emergissem dos dados. As dimensões que constaram do biograma foram adaptadas de outros estudos que desenvolveram e operacionalizaram esta metodologia no estudo do desvio (Agra e Matos, 1996).

2.3 – Procedimentos

A recolha dos dados decorreu entre Setembro e Outubro de 2008, em várias cidades do norte do país.

A estratégia de amostragem foi o *snowball sampling*, uma microestratégia dos métodos de amostragem em cadeia que acontece “quando a um indivíduo previamente localizado é solicitado que, através de um processo nominativo, nomeie outros indivíduos que integrem os critérios estabelecidos, de modo a assegurar a progressão das cadeias de referência” (Fernandes & Carvalho, 2003, p. 34). Neste estudo partiu-se das redes pessoais das investigadoras para a identificação dos primeiros níveis de respondentes, a partir dos quais se desenvolviam cadeias (*chain-referrals*). As cadeias progrediam com o pedido de nomeação, no final da entrevista, de um máximo de seis outros sujeitos da rede social do entrevistado, que este entendesse corresponderem aos critérios e que lhe parecessem estar disponíveis para colaborar com o estudo. Posteriormente, esses nomeados eram contactados e auscultados sobre a sua disponibilidade para colaborar, atingindo-se uma amostra recolhida em forma de “árvore”, formada no total por doze cadeias de participantes, de dimensão variável – cadeias de nível 2 (num total de duas), cadeias de nível 1 (num total de três) e cadeias de nível zero (num total de sete), e que nunca ultrapassaram os 3 níveis de respondentes. O processo de amostragem foi interrompido em função de dois critérios: a *saturação teórica* dos dados, entendida como o momento em que o investigador constata que a progressão na recolha deixa de acrescentar novidade ao material já recolhido (Glaser e Strauss, 1967) e a existência de um *timing* limitado para a pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e codificadas num procedimento semi-indutivo e inspirado na *Grounded Theory*. A análise dos dados foi desenvolvida com o apoio do *software NVIVO8*. Optámos por usar a frase como unidade de análise, uma vez que desta forma ultrapassamos a possibilidade de “fragmentação de significados” que pode acontecer caso a unidade de análise seja a linha (Machado, 2000 cit. in Matos, 2008). Atendendo a que “a associação de cada conceito a uma categoria (...) não é mutuamente exclusiva” (Fernandes & Maia, 2001, p. 49), associámos cada unidade de análise ao maior número de categorias possível.

3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O processo de análise dos dados visou dois objectivos distintos. Num primeiro momento, e ainda num plano descritivo, procurámos uma caracterização geral dos participantes atendendo a algumas dimensões-chave que englobaram perfil sociodemográfico, dimensões da vida social e familiar, consumos de SPAs e relação com actividade transgressiva. Num segundo momento, e partindo da organização temporal dos percursos de vida e usos de SPAs através do *biograma*, procuraram-se regularidades nesses percursos que justificassem a identificação de trajectórias-tipo e perfis de utilizadores – as trajectórias de *novos* e *velhos* consumidores.

3.1 – Antecedentes pessoais e familiares

No que diz respeito aos antecedentes familiares foi recolhida informação sobre escolaridade e actividade profissional dos pais. Esses dados permitem-nos constatar estar perante um grupo de indivíduos de origem diferenciada, sendo que para metade dos entrevistados pelo menos um dos progenitores tinha um grau académico de nível superior e actividades profissionais relacionadas com o ensino (professores), a saúde (médicos, enfermeiros) ou a indústria (empresários).

Os jovens entrevistados apresentam, na sua maioria, também eles um grau académico de nível superior ou frequência universitária (n=17). No entanto, para mais de metade dos participantes tal diferenciação do ponto de vista académico não se traduziu ainda na autonomização relativamente à família de origem, sendo que a situação de coabitação com os pais é o enquadramento familiar mais frequente (n=13). Este dado é consistente com um retrato relativamente comum sobre a juventude contemporânea que, a braços com um cenário de difícil inserção na vida activa, fruto da precariedade laboral e das elevadas taxas de desemprego que se sabe afectarem vigorosamente o sector juvenil, apresentaria uma tendência para o prolongamento da vida académica, uma saída mais tardia da casa da família de origem, e o conseqüente atraso da autonomização e constituição de um agregado familiar próprio (Carvalho, 2007; Azevedo e Fonseca, 2006; Ferreira, Fernandes

e Barrisco, 2006). Foram encontrados outros cenários no que toca à situação familiar actual, que revelam também eles formas de coabitação pouco autónoma (e.g. estudantes deslocados que partilham habitação com colegas durante período lectivo; período de vivência em união de facto já não existente na actualidade, etc.). De destacar que apenas n=3 dos entrevistados vive sozinho e nenhum deles é casado/vive em união de facto no presente.

Não foi directamente solicitado aos entrevistados que descrevessem a história das suas relações afectivas. Atendendo, porém, a que implementámos uma metodologia de recorte biográfico na recolha dos dados, pareceu-nos pertinente descrever os contextos da referência às relações afectivas nas trajectórias de vida analisadas, procurando perceber a forma e o significado que as relações de intimidade foram apresentando ao longo do percurso de vida dos sujeitos. Excluindo um pequeno grupo (n=6) que não faz qualquer referência à vida afectiva, junto dos restantes são diversas as referências a relações afectivas e vida sexual. Os temas relativamente aos quais essa associação nos surge são o início da actividade sexual (e.g. ter começado a actividade sexual com 13 anos e considerar essa uma experiência precoce), a entrada na adolescência (e sua relação com os *primeiros amores*), o desinteresse pela vida académica. Para alguns entrevistados, há uma relação afectiva que marca de forma assinalável alguns períodos da vida – os parceiros(as) como personagens centrais das narrativas; uma relação amorosa que está na base de conflitos familiares ou que marca a trajectória pela negativa. E para outros é evidente a relação entre uma namorada(o) e o percurso de uso de drogas – agudização dos consumos em períodos de ruptura; uma nova relação que marca o fim da dependência das drogas e inaugura uma nova etapa da trajectória; uma relação que é percebida como protectora, durante um período de consumo problemático de heroína, uma relação com um parceiro(a) que também é heroínómano(a).

O nosso guião de entrevista não contemplava nenhuma questão relativa à orientação sexual dos sujeitos. Deste modo, e ainda que nenhum dos entrevistados

tivesse referido ter ou manter na actualidade uma relação homossexual, desconhecemos se tal se fica a dever à inexistência dessa orientação entre o grupo de entrevistados, ou se tal aspecto foi intencionalmente ocultado dado o comum clima de preconceito e estigma associados à homossexualidade.

3.2 – Redes, contextos de sociabilidade e inserção na comunidade

Foi nosso objectivo proceder, ainda, à caracterização das redes de sociabilidade do grupo estudado, a sua inserção na zona onde vive e os contextos sociais que frequenta, associados sobretudo à esfera do lazer nocturno. A este respeito podemos começar por dizer que uma grande maioria refere as saídas nocturnas para contextos próximos da zona de residência. São referidos contextos recreativos descritos como *bares alternativos* ou cafés, sobretudo espaços já familiares que concentram figuras do universo e do quotidiano social do sujeito ("*lugares familiares, com gente conhecida*"), com oferta musical de carácter *mainstream* ("*salas de concertos, bares de rock*"). Quatro dos entrevistados referem a frequência de espaços dedicados à música electrónica de dança, com um enfoque para as cenas *trance* e *reggae*. Genericamente, diríamos, então, que as preferências a este nível podem ser organizadas em duas grandes tendências: a opção por espaços mais calmos e familiares, casa de amigos, cafés e bares com oferta cultural e musical, por um lado; e os eventos associados a uma oferta específica dentro da música electrónica de dança, por outro. Mas a flutuação pelos diversos tipos de lazer nocturno é grande – vários entrevistados referiram frequentar no passado festas de música electrónica, mas preferir na actualidade, *locais mais calmos*. A idade e dimensões relativas a mudanças no estilo de vida são as explicações mais comuns para a flutuação nestas preferências.

Os contextos e relações de sociabilidade e lazer nocturno surgem, no discurso dos sujeitos, frequentemente associados aos usos de SPAs. A entrada no ensino superior, o consumo à porta dos bares ou suas imediações, o uso de estimulantes e alucinogénios em alguns eventos de música electrónica, o uso de

cocaína nos WCs de espaços de lazer fechados (bares de *rock*, salas de concerto), etc., são apenas alguns exemplos dessa relação entre uso SPAs e esfera do lazer nocturno. A escolha de produtos específicos em função do espaço que reúne a preferência do sujeito num dado momento do seu percurso, é um dado que surge na nossa amostra e que tem vindo a ser descrito por pesquisas de recorte naturalista desenvolvidas no nosso país a respeito de diversas cenas e contextos recreativos (Carvalho, 2007; Silva, 2005).

3.3 – Usos de drogas e actividade transgressiva

No que respeita à dimensão do uso de SPAs procurámos caracterizar o grupo estudado relativamente às experiências iniciais, à evolução no uso (as diferentes SPAs ao longo da trajectória e respectivos padrões de uso) e à eventual existência de períodos de consumo problemático e toxicodependência ao longo da trajectória. Para este efeito todas as experiências foram consideradas, ainda que algumas substâncias pudessem ter sido consumidas numa única ocasião ao longo de toda a trajectória de uso.

Genericamente, verificamos que as primeiras experiências surgem quase sempre antes dos 16 anos de idade (n=18), sendo que nessa primeira experiência a opção recai sobre o *cannabis* ou um dos seus derivados (n=21). Há apenas um entrevistado que refere uma primeira experiência de uma outra substância (a inalação de clorofórmio), o que acontece num contexto geográfica e culturalmente muito específico.

Ao longo da trajectória de vida assiste-se à referência ao uso de vários tipos de SPAs, num padrão de uso em policonsumo em que o *cannabis* se mantém como a substância mais referida (n=22), seguida de perto pela cocaína (n=17), LSD (n=16) e MDMA (*ecstasy*) (n=14). Quatro sujeitos referem o consumo de heroína, que merece em nosso entender ser diferenciado de outros neurodepressores opiáceos referidos a seguir, por neste caso ter existido um padrão de uso regular e problemático. Existe ainda uma grande diversidade de produtos cujo uso é referido por um pequeno número de entrevistados – o ópio e o clorofórmio (n=3); o *crack*, a mesalina e a *salvia divinorum* (n=2); e o LSA, a

blackBombain, o *kratom*, as anfetaminas, a *ayahuasca* e os cristais de MDMA (n=1).

Apenas quatro sujeitos referem ter atravessado, no passado, uma fase das suas vidas marcada pelo consumo problemático de drogas – nesses casos, essa etapa diz respeito, como já referimos atrás, à dependência da heroína. Nenhum dos entrevistados apresenta actualmente o que percepciona ser um consumo problemático. Esse problema é sempre descrito como algo do passado, entretanto já superado, havendo apenas uma referência ao recurso a dispositivos de ajuda formal para o tratamento da toxicod dependência (comunidade terapêutica).

Estes dados merecem ser analisados sob dois pontos de vista. Em primeiro lugar, destacaríamos o contraste que encerram relativamente a padrões de uso de drogas mais próximos do perfil *junkie*, marcados pelo consumo problemático de heroína e pela concentração nesta e na base de coca (Negreiros, 2004; Fernandes & Carvalho, 2003). Assim, o padrão de uso que genericamente descrevemos é, pelo contrário, marcado pela eleição do *cannabis* e pela diversidade dos produtos usados.

A forte expressão do uso de cocaína não permite uma associação desta SPA ao consumo problemático, na medida em que da análise dos dados percebemos tratar-se de um padrão de uso fortemente associado aos contextos recreativos, com um consumo pela via inalada que os sujeitos distinguem, até simbolicamente, do consumo fumado mais típico de outros momentos e actores do fenómeno-droga no passado – a mudança na tecnologia de ingestão está, de acordo com o discurso dos participantes, muito associada ao significado que a inalação vs. via fumada têm vindo a adquirir para os jovens. Deste modo, a cocaína fumada aparece como um tipo de consumo associado à degradação e ao consumo problemático, enquanto a cocaína inalada aparece associada a consumo recreativo.

Num estudo anterior, Fernandes & Carvalho (2003) estudaram uma amostra de N=60 adultos utilizadores de drogas através de entrevistas em profundidade, identificados com uma metodologia de amostragem análoga à implementada no presente estudo. Nessa pesquisa, que distinguiu um grupo de utilizadores

económica e culturalmente diferenciados (*mundo up*) de um outro, socialmente marginalizado (*mundo down*), encontramos paralelo entre os nossos dados e aquilo que os autores descreviam como o *mundo up*. Nesses sujeitos, tal como nos jovens adultos que entrevistámos, registava-se um perfil de uso de SPAs marcado pela diversidade dos produtos e tecnologias de ingestão, pelo interesse na experimentação e distanciamento relativamente ao consumo problemático, com um uso regular e diário de *cannabis* muito frequente. Ainda a este respeito também pode ser estabelecido o paralelo entre os nossos dados biográficos e as mais recentes tendências epidemiológicas de uso de SPAs na população juvenil e na população geral, que têm vindo a assinalar a perda de centralidade do consumo de heroína, a posição cimeira do *cannabis* como substância cujo uso tem maior expressão na actualidade, e o uso de diversas SPAs num padrão de policonsumo (IDT, 2007; Balsa *et al.*, 2008).

Os dados parecem apontar para especificidades nos padrões de uso, em função da idade dos actores e contexto em que estão inseridos. Um aspecto de relevo tem a ver com alguma evidência de que a diversidade das drogas consumidas bem como a regularidade de consumos de drogas tende a descer de acordo com a progressão das trajectórias de vida. Estas evidências poderão sugerir que o consumo de drogas entre os jovens se poderá confinar a uma etapa específica da sua história de vida, eventualmente associada à identificação a uma subcultura, e que tende a diluir-se com a passagem do tempo. Esta questão não ficou ainda clarificada, pelo que seria relevante aprofundá-la em investigação posterior, eventualmente junto de amostras mais jovens (adolescentes).

Relativamente à dimensão da transgressão, e considerando para o efeito os actos tipificados como delitos de acordo com a lei portuguesa, não incluído aqui o consumo de substâncias ilegais, verificamos que n=4 dos entrevistados apresentam actividade transgressiva. Para três destes sujeitos estas actividades conduziram a detenções pelas autoridades policiais, acontecimentos esses que estiveram sempre relacionados com a dimensão dos usos de SPAs – condução sob efeito do

álcool, detenções por posse de drogas e pequeno furto. Podemos concluir, deste modo, a ausência junto destes sujeitos de uma trajectória anti-social prévia à trajectória de usos de drogas, ou mesmo de uma actividade delinquencial especializada e independente da condição de utilizador de drogas, trajectórias estas já identificadas em investigação anterior que procurou clarificar a natureza e diversidade da relação entre droga e crime (Agra & Matos, 1996). Ou seja, podemos genericamente concluir que a actividade transgressiva apresentada pelo grupo estudado tem um carácter residual e sempre circunscrito à dimensão dos consumos.

3.4 – Trajectórias de vida nos novos usos de drogas

A organização dos dados biográficos no *biograma* facilitou a identificação de dois grupos de actores que se distribuem de forma bastante diferenciada pelas dimensões que até aqui descrevemos conjuntamente. Esse contraste justificou a delimitação de dois perfis que designámos por *velhos* vs. *novos consumidores*, numa analogia inspirada na sua proximidade vs. distância relativamente a padrões de uso de SPAs mais próximos do consumidor problemático de heroína e do padrão de dependência das drogas. Deste modo, a presença ou ausência de um passado relacionado com a dependência das drogas é o eixo central da delimitação de dois tipos de trajectórias – *ex-problemáticas* nos *velhos consumidores* e *não-problemáticas* nos *novos consumidores*.

3.4.1 – Os "velhos consumidores" e as trajectórias ex-problemáticas

Este grupo diz respeito ao conjunto de entrevistados que reportou ter desenvolvido, em algum momento da sua trajectória, um problema de toxic dependência e consumo problemático de drogas. As substâncias cujo uso assumiu contornos de problema são sobretudo a heroína e/ou cocaína, embora adicionalmente a estas também surjam relatos relativos ao uso de *ecstasy* num padrão percebido como problemático. Trata-se de um pequeno grupo de n=4 participantes, com idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos, e que tiveram percursos académicos com maior expressão

de insucesso escolar (abandono escolar precoce e retenções). Beneficiaram sempre de retaguarda familiar, sendo a família descrita como fonte de apoio e suporte social e afectivo imprescindível, na visão dos sujeitos, para a implementação das mudanças no estilo de vida necessárias à superação da dependência das drogas.

Concomitantemente com essa fase da vida surgem sempre relatos sobre as relações afectivas que, à época, o sujeito percebe como tendo sido facilitadoras do envolvimento ou, pelo contrário, da superação da dependência. Estas formas de vinculação, fruto de relações familiares que se mantêm conservadas ou de relações amorosas que se associam de diversas formas ao período de toxic dependência, mostram-nos que mesmo durante um período da vida percebido como de grande adversidade, estes sujeitos não chegam a conhecer a desafiliação, o isolamento e a pobreza relacional que são mais típicos do toxic dependente de rua, do *junkie* marginalizado e socialmente excluído, cuja vida relacional foi já caracterizada em estudos anteriores (cf. e.g. Fernandes e Carvalho, 2003).

Ao nível da inserção social e esfera do lazer existem também especificidades. A sua inserção na comunidade parece ser mais frágil, com menor expressão de actividades ocupacionais e maior precariedade laboral. Superada a fase da dependência das drogas, estes entrevistados reportam uma mudança nas opções ao nível do lazer nocturno, em que contextos "*mais sossegados*" e de "*cariz cultural*" passam a ser preferidos às festas e discotecas de música electrónica frequentadas no passado.

Do ponto de vista da trajectória de uso de drogas, a iniciação dá-se antes dos 14 anos (n=2) ou entre os 14 e os 16 anos (n=2), e sempre pelo uso de *cannabis*. Todos os participantes (n=4) referem ter utilizado, durante algum período da sua vida, o haxixe, o *ecstasy*, o LSD a cocaína e a heroína. O consumo de cogumelos mágicos, ketamina e MDMA é referido por três sujeitos; a mescalina, os *poppers* e o *speed* (anfetaminas) são referidas por dois sujeitos; e o *crack/coca-base* por um sujeito. Assim, e embora neste grupo a diversidade das drogas consumidas ao longo da trajectória de vida seja menor que a encontrada no grupo dos

novos consumidores, verificamos que mesmo aqueles que desenvolveram um problema de dependência da heroína no passado apresentam um perfil de uso de drogas marcado pelo policonsumo, dado este que se diferencia dos estudos realizados no passado com consumidores problemáticos de heroína, em que o leque de substâncias consumidas está confinado à heroína e cocaína e, pontualmente, ao *cannabis* e ao álcool sobretudo nos períodos de abstinência de outras drogas (Fernandes e Carvalho, 2003; Negreiros, 2004; Negreiros & Magalhães, 2009). Todos os sujeitos do grupo apresentavam um padrão de uso actual (último ano) que corresponde quase em exclusivo ao uso de *cannabis*, já que apenas um sujeito reportou, adicionalmente, o uso de opiáceos e cocaína. No entanto, nenhum dos participantes mantém no presente o que percepcione ser um consumo problemático de drogas. Existe envolvimento em actividade transgressiva, que é coincidente com o período da trajectória marcado pela dependência das drogas e a delitos relacionados com a sustentabilidade dos consumos (posse, pequeno furto).

3.4.2 – Os “novos consumidores” e as trajectórias não-problemáticas

O grupo que designamos por *novos consumidores*, integra os sujeitos que embora usem drogas regularmente ou já o tenham feito em algum período da sua vida, não apresentam história de consumos problemáticos. Trata-se de um grupo de n=18 participantes, com idades compreendidas entre os 21 e os 35 anos, num leque etário mais amplo e ligeiramente mais envelhecido do que descrevíamos para o grupo anterior.

Do ponto de vista do percurso académico encontramos aqui um conjunto de indivíduos que já completou a sua formação, de nível superior ou profissional (n=8), ou que está em vias de concluí-la (n=6). Possuir um grau académico de nível superior é uma característica que assume, assim, uma presença expressiva entre estes sujeitos, e as experiências de insucesso ou atraso têm aqui uma menor expressão do que no grupo anterior, dizendo respeito a retenções de ano pontuais (n=6) e a mudanças de curso/opção formativa (n=3). São

indivíduos que ainda se encontram a coabitar com a família de origem (n=11); apenas n=4 referem viver sozinhos e n=3 coabitam com amigos.

A vida recreativa e as opções de lazer neste grupo são bastante heterogéneas, e distribuem-se quer por contextos associados a géneros específicos, quer por contextos de carácter mais *mainstream*, sendo de supor que os sujeitos vão flutuando na frequência dos diversos contextos. Por exemplo, enquanto alguns referem a preferência por festas de música electrónica e/ou festivais de música (n=4), outros escolhem habitualmente bares nocturnos sem nenhum género associado (n=6). Os contextos de lazer de carácter mais privado (casa de amigos) ou aqueles cuja frequência é comum à rede de pares (cafés) são também referências relevantes. Do ponto de vista da sua inserção social e comunitária trata-se de um grupo caracterizado por uma boa integração laboral (apenas dois entrevistados se encontravam desempregados por ocasião da recolha de dados), e há uma referência expressiva ao interesse por actividades ligadas às artes (música, dança, artes plásticas).

Relativamente ao percurso de uso de SPAs verificamos que o início do consumo apresenta, entre estes sujeitos, uma configuração algo particular – ainda que à semelhança da trajectória anterior também aqui a grande parte dos entrevistados se tenha iniciado entre os 14 e os 16 anos (n=12), é de destacar em nosso entender a presença de casos em que o uso se inicia numa idade muito precoce (n=2 reportam uso de clorofórmio e derivados do *cannabis* com menos de 10 anos), assim como numa fase mais avançada da adolescência (n=3 entre os 16 e os 18 anos e n=1 depois dos 18 anos). A substância das primeiras experiências é, à semelhança do que descrevíamos na trajectória anterior, também o *cannabis* (n=17).

Na evolução do uso assistimos, igualmente, a um padrão em policonsumo, muito marcado aqui pela forte expressão da opção por drogas alucinogénias (n=12 sujeitos referem uso de LSD; n=8 referem os cogumelos mágicos) e de psicoestimulantes (cocaína em n=13, MDMA em n=10, *speed* em n=5 e *ecstasy* em n=4). O grande contraste com o grupo anterior, a este nível, tem a ver com a heroína – antes substância-problema,

a sua presença aqui é pouco expressiva (n=2) e circunscrita a experiências pontuais. Existem, depois, um conjunto de referências a substâncias muito específicas e desconhecidas do habitual leque de produtos descritos pela investigação neste domínio, tais como a ketamina (n=4), o clorofórmio (n=3), a *salvia divinorum* (n=2), o LSA (n=1), a ayahuasca (n=1), o kratom (n=1), a blackbombain (n=1), os *sharas* (n=1), os cristais de MDMA (n=1), o *crack/coca-base* (n=1) e o ópio (n=2)³.

Destacamos algumas implicações sobre as do uso de substâncias nesta trajectória. Os nossos dados apresentam-nos o *cannabis* como droga de iniciação, facto aliás corroborado por diversos dados epidemiológicos e de pesquisas em curso de natureza mais qualitativa (Cruz, 2009). Mas o mais relevante será, porventura, que o *cannabis* é também a substância da evolução do uso (n=18) e do padrão de uso actual (n=16). Ou seja, encontramos evidência de uma forte presença desta substância, em dinâmicas que antes designámos por *omnipresença* e *transversalidade*, numa investigação sobre usos de SPAs em contextos recreativos (Carvalho, 2007) e que agora constatamos não serem específicas desses contextos, mas comuns a toda a trajectória de vida e uso de drogas.

Verificámos, depois, que as faixas etárias de iniciação ao uso são diversificadas neste grupo, quer pelos exemplos de grande precocidade na experimentação, quer pelo seu início numa fase mais avançada da adolescência. Este dado, que justifica a importância de incluir, na continuidade deste estudo, entrevistados que apresentem estas características específicas – uso muito precoce e início mais tardio – questiona, em nosso entender, a tradicional associação entre precocidade e risco para o desenvolvimento de um problema associado ao uso de SPAs. Efectivamente, são precisamente estes sujeitos, que não apresentam história de consumos problemáticos ou padrão de uso dependente das drogas, que apresentam exemplos (ainda que excepcionais) de grande precocidade no uso conduzindo-nos à necessidade de pesquisa adicional no sentido de explorar esta dimensão. A iniciação mais tardia é um dado igualmente relevante, em nosso entender, e que outras pesquisas no panorama inter-

nacional também têm vindo a referir – Parker, Aldridge e Measham (1998) deram conta, em entrevistas a jovens de 16 anos sem padrão de uso actual, que entre alguns era assumido o interesse e a probabilidade da experimentação de substâncias num futuro próximo. Os nossos dados justificam uma atenção futura à investigação desta questão, no sentido de perceber a dinâmica e as motivações dum início mais tardio das drogas, que poderá levar ao questionamento da tradicional associação entre *experimentação de SPAs – adolescência – envolvimento em condutas de risco*. A questão é a de interpretarmos o uso de drogas e o envolvimento em condutas de risco como comportamentos típicos da adolescência ou, em alternativa, começarmos a percebê-los como experiências de vida normativas e independentes do período desenvolvimental em que acontecem.

Um dado final se destaca, ainda, da análise das trajectórias de vida de "novos consumidores", aqui designadas por *trajectórias não-problemáticas*. Esse dado tem a ver com uma referência expressiva a questões relacionadas com a saúde mental dos entrevistados. Quadros depressivos, tentativas de suicídio que implicaram internamento em unidades de saúde mental, comportamentos auto-mutilatórios, anorexia, entre outras situações que motivaram o acompanhamento psiquiátrico, são algumas das problemáticas referidas. A relação entre saúde mental e psicopatologia com o uso de SPAs não fica clara a partir desta investigação. No entanto, os dados parecem apontar para motivos de ordem muito diversa na base da emergência destes sintomas, já que alguns entrevistados referem como episódios de vida desencadeadores situações tão diversas como os problemas de auto-imagem, o fim de uma relação amorosa significativa, entre outras.

O quadro seguinte sintetiza as principais características das duas trajectórias e perfis de utilizadores que acabámos de descrever.

QUADRO 1 – Trajectórias dos novos usos de drogas.

Trajectória ex-problemáticos (n=4)		Trajectória não-problemáticos (n=18)
20-29 anos	Antecedentes Pessoais e Familiares	21-35 anos
Experiências de insucesso escolar		Formação de nível superior
Retaguarda e suporte familiar		Retaguarda e suporte familiar
Inserção comunitária é mais frágil (maior precariedade laboral e menos actividades/interesses ocupacionais)	Contextos de sociabilidade / Inserção comunidade	Boa inserção laboral; interesse por actividades ligadas às artes
Opções de lazer nocturno alteram-se com o final da etapa de dependência das drogas		Grande diversidade de interesses no plano do ócio e lazer (contextos muito diversificados)
Iniciação ≤14 ou 14-16 anos	Percurso de uso de SPAs	Iniciação sobretudo entre os 14 e os 16 anos, mas também muito precoce (antes 10 anos) ou mais tardia (entre 16-18 anos ou depois 18 anos)
SPA de início de uso é o <i>cannabis</i>		SPA de início de uso é o <i>cannabis</i>
Evolução dos usos em policonsumo, com menor diversidade de substâncias usadas		Evolução dos usos em policonsumo, com grande estabilidade no uso de <i>cannabis</i> , mas também na cocaína e numa variedade de produtos menos comuns.
Período (já superado) de dependência das drogas – heroína e/ou cocaína		Ausência de um período da trajectória associado a consumo problemático de drogas ou a um padrão de uso dependente.
Uso actual (último ano) de haxixe; pontualmente ainda opiáceos e cocaína		Uso actual de <i>cannabis</i> e de uma grande diversidade de produtos.
Pequeno delito relacionado com dependência das drogas	Actividade transgressiva	Ausência de referências a actividade transgressiva ou de associação a pares desviantes (redes sociais descritas como normativas).
Relações amorosas são evocadas pelo seu impacto (positivo ou negativo) sobre etapa da dependência das drogas.	Outras dimensões	Forte expressão de psicopatologia e problemáticas da área da saúde mental.

4 – CONCLUSÕES

O presente estudo confirma a tendência para uma grande alteração no perfil do utilizador de substâncias psicoactivas, quando para o efeito são analisadas amostras que, como a nossa, privilegiaram um olhar sobre os percursos de jovens e jovens adultos. Essas alterações parecem evidenciar-se do ponto de vista dos padrões de uso assim como dos contextos a que os mesmos estão associados. Assim, e contrariamente ao que foi descrito no passo a respeito das trajectórias

de vida de consumidores de heroína (por ex. Agra & Matos, 1996), várias dimensões se destacam e apontam globalmente para uma grande estruturação e normatividade dos percursos de vida, visíveis quer a partir do carácter social e familiarmente integrado dos percursos, quer na reduzida expressão da associação a pares desviantes e actividade transgressiva. A este facto não será alheia, em nosso entender, a grande diversidade de contextos que, partindo dos interesses relacionados com o ócio e o lazer nocturno, mobilizam os sujeitos

para a frequência de uma diversidade de espaços que estão, até do ponto de vista simbólico, muito afastados do circuito fechado das zonas urbano-degradadas que pontuam a experiência *junkie*. Damos conta, assim, de uma experiência de consumo em padrões de uso de grande frequência, intensidade e diversidade de produtos, delimitados por marcos temporais e contextuais muito específicos, a par do carácter normativo dos percursos. Este cenário dá fundamento a uma compreensão das actuais mudanças nos padrões e perfis de utilizadores que se aproxima dos pressupostos da *tese da normalização* de acordo com a qual o uso de drogas, antes representado na experiência individual e colectiva como um acto ilícito típico de certas subculturas, é progressivamente assimilado pelos modos de estar das culturas juvenis ditas *mainstream* (Parker, Aldridge & Measham 1998; Parker, 2005; Duff, 2003).

Do ponto de vista dos padrões de uso de SPAs, os sujeitos do estudo são espelho das principais tendências a que os dados epidemiológicos mais recentes têm vindo a dar ênfase. Os padrões de uso em policonsumo são comuns a ambas as trajectórias identificadas, integrando um leque de produtos habitualmente pouco referidos, com uma forte presença do uso de *cannabis* e *cocaína*. Em ambas as trajectórias encontra-se a referência à experiência da heroína. No entanto, enquanto no grupo que designámos por *velhos consumidores* essa experiência foi problemática e correspondeu a uma vivência (passada) de toxicodependência, nos *novos consumidores* a experimentação de heroína e outros opiáceos existe mas não deu lugar a dependência. O contraste para que o nosso estudo aponta, entre os dois perfis de utilizadores, remete-nos para a necessidade de estudar, em amostras futuras, indivíduos com uma experiência passada de dependência das drogas. Se no passado víamos descritas as diversas dinâmicas a partir das quais todo o estilo de vida passa a ser governado pelo consumo de drogas, agora vemo-lo surgir associado a contextos socialmente valorizados, e a pares não-desviantes.

Neste estudo não foram tidas em consideração as especificidades de género dos novos usos de drogas. No entanto, estudos anteriores centrados em consumidores problemáticos de heroína demonstraram que

os significados e motivações associados aos consumos podem diferir consideravelmente nas amostras femininas. Estudos futuros deverão permitir explorar como é que tais tendências se configuram entre jovens raparigas.

O facto de um número significativo dos entrevistados ter iniciado o seu consumo de SPAs com idade igual ou inferior a 16 anos (n= 16) não implicou necessariamente a passagem a um consumo problemático na maioria dos casos (n=12). Seria importante, por isso, em estudos futuros, rever a tese da associação entre o início precoce do consumo de SPAs e o risco do desenvolvimento de um consumo problemático de SPAs.

Neste estudo encontrámos também contrastes entre as caracterizações de consumidores problemáticos de heroína disponíveis na literatura (por ex. Fernandes e Carvalho, 2003; Negreiros, 2004) e a *trajectória ex-problemática*. Alguns aspectos mantêm-se regulares, como alguma relação entre consumo problemático e transgressão. No entanto, vários outros contrastam, como ausência de *desafiliação*, exclusão ou marginalidade na fase de heroínodependência, presença do policonsumo, a limitação e superação do problema no tempo e a referência da dependência não só à heroína como a outro tipo de drogas (e.g. *ecstasy*). Um destaque, ainda, para a cocaína que, apesar de uma presença muito expressiva em ambas as trajectórias, apresenta um padrão de uso não-problemático e muito associado aos contextos recreativos.

CONTACTOS:

LILIANA TRIGUEIROS

Mestre em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante na Universidade Católica Portuguesa. Assistente convidada na Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa. Psicóloga no Centro de Atendimento Psicológico da Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa. Formadora e Mediadora de cursos inseridos no Programa Novas Oportunidades.

Faculdade de Educação e Psicologia – Universidade Católica Portuguesa

R. Diogo Botelho, 1327, 4169-005 Porto.

liliana.trigueiros@gmail.com

MARIA CARMO CARVALHO

Faculdade de Educação e Psicologia – Universidade Católica Portuguesa

R. Diogo Botelho, 1327, 4169-005 Porto.

liliana.trigueiros@gmail.com

mccarvalho@porto.ucp

NOTAS:

1 – “O consumo problemático de drogas é definido como o uso de drogas por via endovenosa ou o uso regular/de longa duração de drogas opiáceas, cocaína e/ou anfetaminas” (Negreiros *et al.*, 2009)

2 – Facto designado por alguns autores como a necessidade de integrar, nas amostras de pesquisas qualitativas, participantes que se apresentem como peritos experienciais ou detentores de um nível mínimo de experiência (Díaz, 1998) quanto ao domínio em estudo.

3 – Alguns destes produtos (o *kratom*, a *blackBombain*, o ópio) são, à semelhança da heroína, opiáceos e depressores do SNC; a *salvia divinorum* e o LSA pertencem, à semelhança do LSD, ao grupo das drogas alucinogéneas; e o uso de *ecstasy* poderia ser associado aos cristais de MDMA e ao *speed*, na família dos psicoestimulantes. No entanto, a nossa opção recaiu por diferenciar os produtos nomeados em categorias muito específicas, atendendo a que a descrição que é feita da sua apresentação, tecnologia de ingestão e experiência associada exigia em nosso entender essa diferenciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agra & Matos (1996). *Projecto Droga e Crime Estudos Interdisciplinares Trajectórias Desviantes*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto. (Vol XIV).

Azevedo, J. & Fonseca, A. (2006). *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho a expressão de uma outra sociedade*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

Albarrello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. (1995). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Balsa C., Vital C., Urbano C., Pascoeiro L. *II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa – 2007*. Lisboa: CEOS, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; 2007.

Baumeister, R. & Newman, L. (1994). “How stories make sense of personal experiences: motives that shape autobiographical narratives”. *Society for personality and social psychology*, 20,6.

Becker, H. (1963). *The Outsiders*. New York: The Free Press of Glencoe.

Biernacki, P. (1990). “Recovery from drug addiction without treatment: a summary”. In E.Lambert (Ed.), *NIDA Research Monograph 90 – The collection and interpretation of data from hidden populations*. [Em linha]. Disponível em www.drugabuse.gov [Consultado em 20.Dez.2009]. (pp. 113-119).

Cardoso, S. & Manita, C. (2004). “Mulheres toxicodependentes: o género na desviância”. *Toxicodependências*, 10, 2, pp. 13-25.

Calado, V. (2007). “Trance psicadélico, Drogas sintéticas e paraísos artificiais representações: uma análise a partir do ciberespaço”. *Revista Toxicodependências*, Vol 13, nº 1, pp. 21-28.

Carvalho, I. (2003). “Biografia, Identidade e Narrativa: elementos para uma análise hermenêutica”. *Horizontes Antropológicos*, 9, 19, pp. 283-302.

Carvalho, M. (2007). *Culturas Juvenis e Novos Usos de Drogas em Meio Festivo: o trance psicadélico como analisador*. Porto: Campo das Letras.

Cohen, P., Sas, A. (1996). *Cannabis Use, A Stepping Stone to other drugs? The case of Amsterdam*. Universiteit van Amsterdam.

Cohen, P. & Sas, A. (1993). *Ten years of cocaine. A follow-up study of 64 cocaine users in Amsterdam*. [Em linha]. Disponível em <http://www.cedro-uva.org> [Consultado em 9.Fev.2009].

Cruz, Olga (2009). *Consumos não problemáticos de drogas*. Comunicação oral em 2 de Julho de 2009 na Clat5.

Díaz, A. (1998). *Hoja, Pasta, Polvo y Roca. El consumo de los derivados de la coca*. Servei de publicacions de la universitat autònoma de Barcelona.

Duff, Cameron (2003), “Drugs and Youth Cultures: Is Australia Experiencing the ‘Normalization’ of Adolescent Drug Use?”. *Journal of Youth Studies*, Dec, pp. 433-446.

European Commission Health & Consumer Protection Directorate General Directorate (2006). *Recreational culture as a tool to prevent Risk Behaviours Survey Report*. Irefrea.

Faupel, C. (1987). *Drug Availability, Life Structure and Situational Ethics of Heroin Addicts*. Sage publications.

Faupel, C. (1991). *Shooting dope – career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.

Fernandes & Almeida (2001). *Métodos e técnicas de avaliação. Contributos para a prática e investigação psicológicas*. Universidade do Minho, Braga.

Fernandes & Carvalho (2003). *Consumos Problemáticos de Drogas em Populações Ocultas*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.

Fernandes & Carvalho (2000). “Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do snowball”. *Revista Toxicodependências*, 6 (3), 17-28.

- Fernandes, E. & Maia, A. (2001). "Grounded Theory". In E. Fernandes e L. Almeida: *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológica*. (pp. 49-76). Braga: CEEP Ed.
- Fernandes, Carvalho & Tinoco (2004). *Heroína e Ecstasy: Distâncias e Aproximações entre velhas e Novas Drogas*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto.
- Ferreira, Fernandes, Vieira & Barrisco (2006). *A condição Juvenil Portuguesa na Viragem do Milénio. Um retrato Longitudinal através de fontes estatísticas oficiais: 1990-2005*.
- Fontanella, B., Ricas, J., Turano, H. (2008). *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (1), pp. 17-27.
- Glaser, B. and Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine.
- IDT (2007). *Relatório Anual, 2006 – A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*. Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. Lisboa.
- Kandel, D. (1980). "Developmental stages in adolescent drug involvement". In D. Lettieri, M. Sayers & H. Pearson (Eds.), *NIDA Research Monograph 30 – Theories on drug abuse*. [Em linha]. Disponível em www.nida.nih.gov/pdf/monographs/download30.html [Consultado em 4.Janeiro.2010]. (pp. 120-127)
- Kaplan, H. B., Johnson, R. J. & Bailey, C. A. (1987). "Explaining adolescent drug use: an elaboration strategy for structural equations modeling". *Psychiatry*, 51, May.
- MCAdams, D. (2000). *The person. An integrated introduction to personality psychology* (3rd ed.). Fort worth: Harcourt College Publishers.
- McCaughan, Carlson, Falck & Siegal, (2005). *From "Candy Kids" to "Chemi-Kids": A typology of young adults who attend raves in the Midwestern United States*. Taylor & Francis, U.S.A.
- Manita, C. (2000). "Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em trajetórias de droga-crime". *Revista Toxicodependências*, 6 (2), pp. 17-31.
- Matos, M., Simões, C., Silva, M., Gaspar, T., Diniz, J. equipa técnica do projecto aventura social. (2006). *Aventura social e saúde indicadores de saúde dos adolescentes portugueses*. Relatório preliminar HBCS. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa.
- Matos, R. (2008). *Vidas raras de mulheres comuns. Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. Edições Almedina.
- Matza, D. (1981). *El proceso de desviación*. Madrid: Taurus Ediciones S. A.
- Measham, Parker e Aldridge, 1998 consultado em www.ncjrs.gov.
- Negreiros, J. (2004). *As drogas e as cidades: prevalências e perfis de consumidores problemático* Radicário.
- Negreiros, J., Magalhães, A. (2009). "Estimativas da prevalência de consumidores problemáticos de drogas em Portugal com base em dados sobre o tratamento". *Revista Toxicodependências*, vol 15 | número 1. pp. 19-32.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT) (2007). *Relatório Anual 2007: A Evolução do Fenómeno da Droga na Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias Pape & Rossow (2004). «"Ordinary" people with "normal" lives? A Longitudinal study of ecstasy and other drug use among Norwegian youth». *Journal of Drug Issues*, 389-418.
- Pape & Rossow (2004). "Ordinary" people with "normal" lives? A Longitudinal study of ecstasy and other drug use among Norwegian youth. *Journal of Drug Issues*, 389-418.
- Parker, H. (2005). "Normalization as a barometer: recreational drug use and the consumption of leisure by younger Britons". *Addiction Research and Theory*, 13, 3, 205-215.
- Parker, H., Aldridge, J. e Measham, F. (1998). *Illegal Leisure: the normalization of adolescent recreational drug use*. London: Routledge.
- Peters, G. J. Kok, G. Schaalma, H. P. (2008). *Careers in ecstasy use: do ecstasy users cease of their own accord? Implications for intervention development*. BMC Public Health. Vol. 28, p. 376
- Poirier, J., Valladon, S., Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida teoria e prática*. Celta, 2^a edição, Oeiras.
- Silva, V. (2005). «Techno, House e Trance. Uma Incursão pelas culturas da "Dance Music"». *Revista Toxicodependências*, 11 (3), 63-73.
- Singer, L., Linares, T., Ntiri, S., Henry, R., Minnes, S. (2003). *Psychosocial profiles of older adolescent MDMA users. Drug and alcohol dependence*. pp. 245-252.
- Rossow, I., Pape, H. (2004). «"ordinary" people with "normal" lives? A longitudinal study of ecstasy and other drug use among norwegian youth». *Journal of Drug Issues*. pp. 389-418.
- Tinoco & Pinto (2003). "As potencialidades clínicas do Biograma". *Toxicodependências*, 9 (3), 39-46.
- Tinoco, R. (2005). *Adaptações cognitivas à carreira de toxicodependente – a utilização de técnicas de neutralização ao longo de trajetórias de vida de heroinómanos*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Tinoco, R. (2007). "Notícias de uma investigação autobiográfica: O consumo de drogas como dilema moral". *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 53, 159-178.
- Uitermakk, K. & Cohen, J. (2005). "Amphetamine users in Amsterdam: patterns of use and modes of self-regulation". *Addiction Research and Theory*, 14, 2, 159-188.